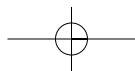


## VLADIMIRO

Chamamos-lhe Vladimiro porque é um nome invulgar e ele, na verdade, era um indivíduo único. Essas mesmas pessoas que o achavam bizarro tentavam receber dele um olhar, uma palavra, ao que ele correspondia com muita parcimónia. Vestido com um certo desleixo comportava-se mais à vontade do que quando se vestia de forma mais apurada e, no fundo, era uma boa pessoa que apenas tinha o defeito de inventar e de atribuir a si próprio deficiências que não possuía. Era, sobretudo, mau para ele mesmo. É imperdoável, não acham?

Uma vez, estando a morar com um casal, este nunca mais conseguia que ele se fosse embora. «Já era tempo de o senhor nos deixar sozinhos», assim lho deram a entender, mas ele pareceu não perceber muito bem o que queriam ao ver a mulher sorrir e o marido ficar pálido. Era a própria imagem do cavalheirismo. Servir os outros constituía sempre para ele a noção suprema da alegria de viver. Não podia ver uma mulher bonita carregada com malinhas, embrulhos, etc., sem se aproxi-



mar dela de um salto e exprimir o desejo de a ajudar, tendo sempre de lutar previamente contra o temor, extremamente delicado, de estar a ser impertinente.

De quem descendia o Vladimiro? De seus pais e de mais ninguém, sem sombra de dúvida. Parece singular que ele reconheça ter-se sentido muitas vezes feliz com as suas desditas e mal-humorado perante os seus êxitos e que diga que a característica determinante da sua natureza é a de ser trabalhador. Nunca se viu um homem tão satisfeito e, ao mesmo tempo, tão insatisfeito. Ninguém era tão decidido e, por outro lado, tão indeciso.

Certa vez, uma rapariga pediu-lhe que estivesse em determinado sítio a uma determinada hora e depois fê-lo esperar. Ele achou isto surpreendente. Uma outra disse-lhe assim: «O senhor aprecia que o enganem. Não acha que tem uma predilecção especial por brincadeiras que tocam as raias da desconsideração?»

«A menina está enganada», respondeu ele apenas. Não guardava rancor a ninguém, porque, dizia, «eu próprio tenho já agido, muitas vezes, de má-fé com algumas pessoas.»

No Salão de Chá das Damas, divertia-se com as expressões do rosto e as manifestações das clientes. Aliás, não era grande amante de diversões, conquanto as apreciasse uma vez por outra. Pensava em tudo para logo se esquecer num segundo, era bom a fazer contas e não permitia que os seus sentimentos o influenciassem.

As mulheres tinham-no em pouca conta, ainda que manifestassem continuamente interesse por ele. Apodavam-no de tímido, mas ele retribuía-lhes o epíteto. Brincavam com ele e temiam-no.

Com uma senhora, que não fizera mais do que revelar-lhe a sua fortuna de uma maneira talvez demasiado habilidosa, ele fora tão cortês como só pode ser quem não se deixa impressionar por nada. Das raparigas incultas achava que elas estavam animadas do desejo de serem ensinadas e, por outro lado, daquelas que tudo liam achava que quase desejavam ser ignorantes. Nunca se vingava das injustiças que sofria e uma tal atitude seria já, talvez, vingança suficiente. Quanto aos que não o tratavam como ele desejaria ser tratado, punha-os logo de lado, como se costuma dizer, isto é, habituara-se a não pensar em muitas das coisas desagradáveis. Evitava assim que a sua vida espiritual caísse no embrutecimento e resguardava os seus pensamentos de uma severidade doentia.

A música adoçava-lhe o humor, tal como acontece com a maioria das pessoas. Se se sentia preferido por uma rapariga, logo se lhe afigurava que ela pretendia prendê-lo e afastava-se dela. Era desconfiado como um meridional, tanto no que se referia a ele próprio como no que se referia aos outros. Mostrava-se muitas vezes invejoso, mas nunca durante muito tempo, porquanto a auto-estima rapidamente o livrava da perseguição da inveja, e esta, mal a sentia, logo lhe parecia sem razão e mesquinha.

Uma vez que perdeu um amigo, disse para consigo mesmo: «Ele perde tanto como eu.» Adorou uma mulher até que ela cometeu uma falta e logo se tornou impossível para ele sentir saudades dela. Tendo ela tomado uma atitude precipitada, ele não fez mais do que rir-se dela, e isso foi razão para se sentir logo bem-

-disposto. Ao lamentar essa sua companheira, deixava de sentir necessidade de se lamentar a si próprio.

Permanecia jovem e utilizava esse seu vigor para granjear respeito entre os fracos e os idosos e para sentir respeito por eles, uma vez que são eles quem mais necessita de alguém que, ao passar à sua beira, não desvie o olhar por insensibilidade. Estaremos a louvá-lo em demasia?

Por vezes comporta-se como um pândego e frequenta as tascas tidas por mais ordinárias. Pessoas há que o censuram por isso, mas essas mesmas pessoas são aquelas que gostariam também de se divertir, o que nem sempre lhes é permitido pelas esferas sociais a que pertencem. Há quem o tenha imitado, mas o original será sempre ele. A imitação é, aliás, o que há de mais natural.

As cópias podem ter também os seus atractivos, só da originalidade, porém, nasce o que tem grande valor.

### PASSEIO DE DOMINGO (I)

Era domingo e ele foi dar um passeio para se distrair. Enquanto passeava, rememorava com deleite gravuras de arte que uma vez, não sabia quando, vira expostas algures, e também poemas que lhe tinham ficado gravados na memória.

«Bom dia», cumprimentou-o um indivíduo num tom formal e sério, ainda que amigável: «Quando irá sair, por fim, o teu novo livro?»

«Há que ter paciência», respondeu o visado, e juntou que sentir-se um ser humano e dar passeios lhe parecia tão bonito como estar sentado a uma secretária e ter sucesso a vender livros.

Passou junto a uma manada de vacas que pastavam e continuou o seu caminho, banhado pela suave luz do sol, até avistar uma paisagem estimulante e saborosa. Dois gatinhos mostravam-se regalados, empoleirados numa árvore. Uma mulher assomou a uma janela e disse-lhe:

«Quem quer que sejas, ajuda-me! Há pessoas que acham que eu já não sou nova. Querem impedir-me de sentir o prazer de viver e empurrar-me para uma impreterível velhice.»

«Quem é que quer fazer-lhe isso?»

«Os meus próprios filhos.»

O poeta — já o reconheceram decerto como tal — deu-lhe a seguinte resposta: «Acalma-te, vive uma vida tranquila, sê sensata, tudo o resto virá por si.»

Os jardimzinhos mal cuidados ostentavam ainda algumas flores. Um pouco mais à frente, o caminho começava a subir. Gente importante descansava sentada no seu próprio parque; algumas crianças divertiam-se a brincar; havia uns abetos que cercavam uma casa de ar muito digno, conferindo-lhe ainda maior dignidade; por detrás de uma porta envidraçada estava uma criada vestida com asseio. Algumas das janelas estavam abertas e ele, ao reparar nisso, pensou:

«Bem gostaria eu também de morar aqui e de poder saborear esta tranquilidade! Em paga disso, poderia talvez recitar uma novela, sem sentir o menor constrangimento e, ao mesmo tempo, tão cortesmente quanto possível.»